

ESTALIDOS¹

Celma Prata

O terreno inculto da esquina, onde zumbis reúnem-se ao anoitecer, já alojou uma linda casa, como tantas que existiam nas cercanias. Hoje abriga uma imensa cratera que represa água da chuva misturada ao solo massapê. Uma imensa cratera preta arrodeada de zumbis ocultos por velhos muros. Muros da finada casa, lar implodido de uma família feliz. Muros salvos pela peste que adiou projetos ambiciosos. Sorte negada à linda casa que os velhos muros escudavam.

Vai longe o tempo em que cada lote da região acolhia uma única casa com uma família de quatro, seis ou mais afortunados. Cada casa confortável, sem ostentação, transformou-se em uma torre de vinte templos de luxo. Ousadia extrema de acochambrar vinte famílias deslumbradas em terreno antes apossado por uma apenas. A ilusão de inflar felicidade na mesma proporção do capital. *De onde surgiram tantos milionários?*, perguntam-se os pobres ilhados que ainda resistem na próspera vizinhança, a despeito das pressões públicas e privadas. A população rica multiplicou-se feito mosca. A indigente arremedou-a. E a infelicidade fincou bases entre abastados e desvalidos. O primeiro grupo somente desconfia, o segundo tem certeza da infeliz condição.

Encerrados em uma das torres erguidas neste quinto de século, moradores espionam os zumbis à beira da cratera preta e enjoam-se com os rostos esqueléticos desvelados pelos pequenos lumes de cristais em chamas. Branco, róseo, amarelo, cores fúnebres que prenunciam tragédia. O que veem não é caricatura ou foto. É cruamente real. Embora não escute a onomatopeia que brada dos artefatos dos zumbis – *crack! crack! crack!* –, um morador mais atento murmura “*Isto é um cachimbo, Magritte!*”, enfatizando o estado afirmativo da paráfrase.

¹ Conto de autoria de Celma Prata, publicado originalmente em “Confinados” [Editora Sete, 2020], livro finalista do Prêmio Jabuti 2021

No corre-corre pré-pandêmico, sem jamais cruzarem a linha de chegada, os vizinhos não perceberam a demolição da casa cinquentenária. E, não fosse a reclusão obrigatória, não teriam igualmente reparado nos zumbis itinerantes, tão absorvidos estavam com a própria virtualidade e seus vazios urgentes. Descontentes em seus casulos majestosos, precisaram reinventar-se para não morrerem de tédio. Impacientes, rasgaram a folhinha da Páscoa, Tiradentes, Trabalho, Corpus Christi e Independência. Céticos, assistiram a missas remotas pelos exterminados. Vaidosos, escaparam de videochamadas para não exibirem cabelos sem corte e raízes descoloridas. Eram unânimes quanto ao despautério de serem forçados a aturar a visão degradante dos zumbis e o decorrente prejuízo ao patrimônio privado, tornando o confinamento ainda mais intolerável.

Tirante o canteiro de obras lacrado e a retroescavadeira que violentou a terra para conceber as escoras rígidas que irão parir a torre de luxo, a construtora removeu até a sentinela, facilitando a ocupação dos zumbis com suas engenhocas, um colchão solteiro resgatado do lixão e uma tenda improvisada de plástico preto esticado sobre cabos de vassoura encapados. Pelas estrias do teto fluem a chuva e a luz da rua. A todo momento, parece que a cratera vai engolir os farrapos de gente. Já não comem, não dormem, não copulam e não trabalham. Seu único prazer – uma sensação de poder que dura o tempo de contar até quinhentos – está à beira da cratera, de onde transbordam latinhas dobradas, garrafinhas de leite fermentado, cotovelos de PVC, lâmpadas furadas e outros recicláveis, após densas nuvens desaguarem sobre suas cabeças.

Há noites em que sirenes e giroflexes alvoroçam os residentes das torres, enquanto os verdadeiros alvos, à beira da cratera, não esboçam qualquer reação. Sob a lua cheia, moradores da torre ao lado, movidos pelo instinto de proteção a seus infantes – aspirantes a ricos

empreendedores –, arremessam polímeros sintéticos com água impura. Os zumbis esquivam-se dos golpes, à medida que distinguem nas caixas iluminadas sobrepostas indivíduos que parecem humanos, uns rezam, outros cantam, dançam, riem, comem e bebem, indiferentes à miséria que ronda atrevida lá embaixo.

Vez por outra aparece uma dupla de redutores voluntários que se posta na calçada à espera dos zumbis para lhes repassar informações preventivas de combate à hepatite e Aids. Os breves colóquios reavivam memórias esquecidas que incluem a família que um dia tiveram. Um Sagrado Coração de Jesus e uma Santa Ceia na parede da moradia humilde; a fotopintura desbotada dos avós falecidos; o pai violento que foi comprar cigarro na esquina; os tragos diários de aguardente barata para suportar o excesso de realidade. Recordam também a vida pré-adição como operários temporários na construção das torres do entorno. Um zumbi mais velho, de traços orientais, exhibe sorriso refreado, com bochechas timidamente levantadas e lábios pressionados. Alguns são muito jovens, nota-se pela agilidade com que saltam para a morte ao escurecer. Seres apáticos que rejeitam a premissa de vilões, mas não sabem como recuperar a dignidade. Os redutores partem derrotados pela ânsia dos tais cinco minutos de poder.

Desprovidos de vontade própria, os zumbis esbarram-se nas trevas do gueto. Não limitam o número de usuários ou censuram qualquer identidade, desde que se obedeça ao código moral que prima pela concórdia. Quando um chega desprevenido, outro o abastece, em um pacto que os arruína. Compartilham o mesmo inferno. Noites chuvosas refugiam dez, doze ou mais. A água que despenca do céu lava seus corpos cadavéricos, mas não purifica suas almas adoecidas. Os primeiros raios de sol os alcançam errando pelos becos desertos da cidade, até ressurgir a noite e com ela o véu que os protege.

Nos aplicativos de celulares inteligentes, habitantes da torre ao lado conspiram o despejo dos indesejáveis zumbis. Condôminos mais exaltados exigem barbárie. *Desnecessário buscar as leis, é preciso agir rápido, eliminar definitivamente o mal*, gritam nas videoconferências, aplaudidos pela maioria. Ignoram que aquelas existências miseráveis estão entrelaçadas aos privilégios das torres, onde irmãs trabalham de babá ou diarista e irmãos de jardineiro.

Na madrugada mais quente do ano, a um mês de uma das mais significativas celebrações religiosas ocidentais, os fervorosos da torre trocam de munição: substituem os polímeros sintéticos com água impura por vidros com mistura inflamável. As demais torres despertam com os gritos e explosões. Abandonam por instantes a maciez de seus colchões e correm às sacadas natalinas para assistirem de camarote ao espetáculo de horror. Línguas de fogo sobem do terreno dos zumbis. Há pedaços de corpos espalhados pela borda da cratera e no interior dela, agora uma cova comunitária de braços e pernas misturados ao concreto que sustentará a nova torre. Um dos coquetéis destrói parte do velho muro, desconectando a atraente publicidade: “Pré-venda do apartamento dos”; “Luxo e tecnologia para somente”; “seus sonhos”; “vinte privilegiados”. As chamadas nos telefones portáteis emudecem. O programa virtual do grupo igualmente silencia. Nenhum dedo compassivo digita *um, nove, dois* ou *um, nove, três*.

Aquele morador mais atento não consegue desviar o olhar da paisagem funesta. *Surreal!*, exclama, admirado. Já vira muitas cenas de terror na televisão e no cinema, mas nunca presencialmente, a poucos passos. Não lamenta, apenas admira. Os estrondos ensurdecedores não incomodam tanto as torres quanto os estalidos inaudíveis das pedras dos cachimbos dos zumbis. Com a serenidade restaurada no terreno da esquina, em dois anos os vinte proprietários venturosos assentarão suas famílias – seus maiores tesouros – sobre as entranhas desumanizadas do solo massapê.

O zumbi de traços orientais tenta fugir das labaredas pela fenda aberta no velho muro. Tantas vezes pensou na morte e até a desejou, mas não imaginara esse fim trágico. *O que fizemos a eles, meu Deus? Por que tanto ódio e violência?* Desvencilha-se dos trapos em combustão, o corpo nu desfazendo-se em sangue e pele. Tomba no asfalto, as bochechas petrificadas, os lábios cerrados, só os olhos oblíquos sorriem.